

Resenha: *Nelson Rodrigues: Selected Plays*. Tradutores: Daniel Hahn, Susannah Finzi e Almiro Andrade. Oberon Books, 2019.

Fernanda Hamann de Oliveira (USP)*

“Toda unanimidade é burra”, afirmou o escritor Nelson Rodrigues, em uma de suas assertivas que passaram a fazer parte do arcabouço cultural brasileiro com a mesma força de um ditado popular – assim como tantas frases de Shakespeare circulam entre as bocas dos falantes de língua inglesa. À semelhança do escritor inglês, antes de ser reverenciado como um exímio frasista, Nelson se consagrou como um extraordinário dramaturgo, frequentemente apontado como o mais importante da história do teatro no Brasil. Ironicamente, o autor que maldisse a unanimidade produziu uma unanimidade junto aos críticos nacionais: há um teatro *antes* e um teatro *depois* de Nelson Rodrigues, responsável pela modernização da dramaturgia brasileira (FARIA, 2013; PRADO, 2003). No entanto, por incrível que pareça, sua obra ainda não goza de qualquer reconhecimento no exterior. Não há um motivo claro e isolado que justifique tal absurdo, mas se supõe que um dos obstáculos à divulgação estrangeira do teatro rodriguiano seja a dificuldade para a tradução de um texto carregado de gírias locais e coloquialidade. Com *Nelson Rodrigues: Selected Plays*, parece que este obstáculo foi superado. Publicada em Londres pela Oberon Books em 2019, a coletânea traz versões em inglês para sete peças do autor: *Wedding Dress* (*Vestido de noiva*, 1943) *Family Portraits* (*Álbum de família*, 1945), *Black Angel* (*Anjo negro*, 1946), *Waltz No. 6* (*Valsa No. 6*, 1951), *Forgive Me For Your Betrayal* (*Perdoa-me por me traíres*, 1957), *Seven Little Kitties* (*Os sete gatinhos*, 1958) e *All Nudity Will Be Punished* (*Toda nudez será castigada*, 1965).

Nascido em 1912 no Recife, cidade litorânea do estado de Pernambuco, Nelson se mudou aos quatro anos para o Rio de Janeiro, então capital da república, onde viveu até a morte, em 1980. Filho e irmão de jornalistas, começou a trabalhar aos doze anos como repórter policial no jornal de seu pai. E o estilo que herdou das redações, desde muito cedo, deu o tom de uma escrita atravessada pela violência e também pelo erotismo: homicídios, suicídios, adultérios, pactos de amor e morte são elementos que se repetem na ficção rodriguiana, capaz de tecer discussões psicológicas, filosóficas e morais de

* Pós-Doutoranda no Departamento de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo, com pesquisa sobre as personagens de Nelson Rodrigues. Email: fehamann@hotmail.com. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6937889065178711>

roupagem local, mas profundidade universalista – mais uma característica que justifica a alcunha de Shakespeare brasileiro.

Para além das *Peças Psicológicas* e das *Peças Míticas* do autor – na classificação proposta por seu principal crítico, Sábato Magaldi (2004, 1992, 1981) –, o auge da maturidade do teatro rodriguiano é atingido nas chamadas *Tragédias Cariocas*: releituras sobre a estrutura trágica clássica, com uma gradação de tensão visando ao efeito catártico final, contextualizadas à vida privada de uma classe média típica dos subúrbios do Rio de Janeiro, em meados do século XX. Tomado pelo que ele próprio designava como “uma prensa literária”, Nelson escreveu dezessete peças, nove romances e literalmente milhares de contos e crônicas publicados em periódicos quase diariamente. Seus enredos arrebatadores inspiraram um número incontável de adaptações para o rádio, o cinema e a televisão. Contudo, seu nome ainda permanece desconhecido fora do Brasil, ao passo que outros autores brasileiros têm suas obras comercializadas em diversos países – inclusive escritores que também apresentam enormes desafios à tradução, como é o caso de João Guimarães Rosa, contemporâneo de Nelson.

Tal preâmbulo pretende apenas dimensionar o tamanho da lacuna editorial preenchida por *Nelson Rodrigues: Selected Plays*, publicação em língua inglesa agora disponível para ampla distribuição internacional. Enfim se oferece aos leitores ao redor do mundo uma amostra bastante representativa do teatro de Nelson, quatro décadas após sua morte. Bem-sucedida no quesito representatividade, a coletânea traduz duas *Peças Psicológicas*, duas *Peças Míticas* e três *Tragédias Cariocas*.

Primeiro título da compilação, *Wedding Dress* é a tradução da peça mais aclamada de Nelson Rodrigues, responsável pelo enorme êxito de público e de crítica que alavancou sua carreira de dramaturgo. A montagem de *Vestido de noiva* no Teatro Municipal do Rio de Janeiro, em 1943, pelo diretor polonês Zbigniew Ziembinski, que migrou para o Brasil fugindo da Segunda Guerra Mundial, é considerada o marco inaugural do teatro moderno brasileiro, por grandes críticos como João Roberto Faria (2013) e Decio de Almeida Prado (2003). Numa trama complexa de ações simultâneas, a protagonista sofre um atropelamento brutal, e sua consciência se vê rebaixada e cindida, enquanto ela se encontra à beira da morte. No plano da realidade, Alaíde está numa sala de cirurgia, sendo operada por uma junta médica que tenta salvá-la. No plano da memória, ela revive a rivalidade com a irmã Lúcia pelo amor de Pedro. E no plano da alucinação, imagina-se em conversas íntimas com a famosa prostituta Madame Clessi, de quem escuta conselhos e aventuras eróticas. A oscilação entre os três planos da narrativa subverte radicalmente

as convenções de tempo e espaço cênicos até então praticadas no Brasil, tornando possível a investigação psicológica de uma personagem complexa, em suas diversas facetas.

Waltz No. 6, ao lado de *Wedding Dress*, é outra representante das *Peças Psicológicas* rodriguianas. Único monólogo escrito pelo autor, dedicado a sua irmã, a atriz Dulce Rodrigues, *Valsa nº 6* (1951) encena o fluxo de consciência de Sônia, jovem assassinada aos catorze anos. A rubrica de abertura a descreve com o “rosto atormentado, que faz lembrar certas máscaras antigas”, apontando para a metáfora da máscara, emblema da metamorfose adolescente, e também para o pavor diante da violência que a vitimou, um crime passionai. Perplexa, a morta procura juntar os cacos de sua confusão mental, através de uma fala repleta de tropeços, dúvidas e lacunas mnêmicas – lapsos que dão notícias do despertar da menina para a dimensão perturbadora do desejo.

Entre as *Peças Míticas*, assim batizadas pelo crítico Sábado Magaldi por recuperarem motivos clássicos da mitologia grega, a seleção inclui *Álbum de família* (1945) e *Anjo negro* (1946).

Traduzida como *Family Portraits*, a peça *Álbum de família*, escrita dois anos depois do estrondoso sucesso de *Vestido de noiva*, suscitou o escândalo da plateia e a rejeição da crítica, além dos primeiros entre vários problemas que Nelson enfrentaria com a censura, num momento em que o Brasil atravessava uma ditadura comandada pelo presidente Getúlio Vargas. Por trás das aparências de uma família tradicional, a trama revela laços de amor e ódio entre Jonas, Dona Senhorinha e os quatro filhos do casal, retomando referências aos mitos de Édipo, apaixonado pela mãe, e Electra, apaixonada pelo pai. O patriarca Jonas não esconde sua veneração por Glória, única filha mulher, e para saciar seu desejo, faz sexo com adolescentes parecidas com ela, que são trazidas à residência da família pela irmã de Senhorinha, a tia Rute – quem deseja o cunhado platonicamente, daí seu esforço em agradá-lo. Senhorinha, por sua vez, é idolatrada pelo filho Edmundo, mas corresponde ao amor de outro filho, Nonô, que enlouquece após chegar às vias de fato com a mãe – depois de desrespeitar o tabu do incesto, fundante da civilização humana, ele passa a perambular ao redor da casa da família, nu, uivando como um bicho. O quarto filho, Guilherme, rivaliza com o pai pela atenção da irmã Glória, e acaba por matá-la, ao perceber que ela corresponde à paixão paterna. Um dos críticos que forneceu à censura argumentos para proibir a peça avaliou que o enredo envolvia o número inaceitável de seis incestos – e Nelson, irônico, questionou: “Mas quantos incestos seriam permitidos?” (CASTRO, 1992). Três décadas e meia depois, *Álbum de*

família estreou no cinema, em 1981, adaptada pelo diretor Braz Chediak, que se inspirou na dramaturgia rodriguiana para realizar vários de seus filmes.

Seguindo a trilha das *Peças Míticas*, impopulares por abordarem pulsões agressivas e sexuais inconfessáveis, *Anjo negro* (1946) foi escrita por Nelson no ano seguinte a *Álbum de família*, compondo a série do que o próprio autor viria a chamar de seu “teatro desagradável”, que visava cumprir a função trágica de promover uma catarse dos afetos reprimidos. Nas palavras do próprio escritor, “A ficção, para ser purificadora, precisa ser atroz. O personagem é vil para que não o sejamos. Ele realiza a miséria inconfessa de cada um de nós” (RODRIGUES, 1997, p. 161). É imbuído deste espírito que o enredo de *Anjo negro* (*Black Angel*) apresenta o casal Ismael e Virgínia. Ele, negro, praticamente forçou o casamento entre os dois, depois de abusar sexualmente da mulher, a quem mantém em cárcere privado. Ela, branca, tem horror aos filhos negros que gera junto ao marido, matando-os afogados, qual o mito de Medeia. Escancarando as chagas do racismo que se mantêm latentes em um país como o Brasil, durante muito tempo referido como uma pacífica democracia racial, a peça é vanguardista ao provocar uma reflexão, até então recalcada, sobre as terríveis heranças da escravidão, abolida no país em 1888 – daí, também, o desconforto com que foi recebida a trama, ao quebrar o silêncio em torno de um tabu de mais de meio século.

Entre as *Tragédias Cariocas* incluídas na compilação, *Perdoa-me por me traíres* (1957) mantém na tradução o instigante paradoxo do título: *Forgive Me For Your Betrayal*. Ele se refere ao casamento de Judite com Gilberto, quem enlouquece a ponto de se sentir culpado pelas traições da esposa, morta prematuramente. Filha do casal, a adolescente Glorinha, órfã de mãe e distante do pai internado em um manicômio, passa a ser cuidada pelo tio Raul, que nutre por ela uma paixão incestuosa. Quando percebe que ela anda interessada no universo dos bordéis, influenciada por uma amiga que se prostitui, Raul decide revelar à sobrinha os segredos mais obscuros da família. Na montagem de 1957, no Teatro Municipal carioca, conduzida pelo importante diretor Gláucio Gil, o próprio Nelson Rodrigues se aventurou como ator, no papel de Raul. Em 1980, ano do falecimento do escritor, a peça foi adaptada para o cinema por Braz Chediak.

Outra *Tragédia Carioca* incluída é *Os sete gatinhos* (1958), traduzida como *Seven Little Kitties*. Mais uma trama ambientada no seio de uma família de classe média no Rio de Janeiro, o enredo gira em torno de Seu Noronha, sua esposa Aracy e suas cinco filhas. A princípio, supõe-se que se trata de uma família de princípios éticos sólidos e elevados, mas logo se descobre que as quatro filhas mais velhas se prostituem para garantir a

castidade – e um casamento bem-sucedido – à caçula Silene, objeto de adoração do patriarca. A menina concentra toda a pureza virginal já devassada nas irmãs, mas os muros do colégio interno não a impedem de arrumar um amante que a engravida, agravando a ruína moral da família. O título da peça se refere aos sete filhotes que nascem de uma gata espancada até a morte por uma Silene descontrolada de ódio, como se a menina quisesse destruir no animal a gravidez que avança em seu próprio corpo. Por um caminho não muito evidente, e por isso mesmo aberto a uma rica pluralidade de interpretações, os gatinhos parecem simbolizar os sete membros da família Noronha, sobreviventes entregues à própria sorte em um mundo maculado pela barbárie. Mais uma vez, foi Braz Chediak quem adaptou a peça para o cinema, em filme homônimo de 1980.

Finalmente, a última das peças incluídas na compilação é *All Nudity Will Be Punished* – no original, *Toda nudez será castigada* (1965). O viúvo Herculano, afundado no luto pela esposa falecida, é apresentado pelo irmão à prostituta Geni, por quem se apaixona. Aqui, assim como na maioria das peças de Nelson, o desejo feminino é uma espécie de motor disruptivo da história, pois Geni, depois de toda uma vida entregue às delícias da carne, resiste em se adequar aos padrões morais esperados de uma esposa respeitável. Quando a peça se inicia, já se sabe que tal impasse a levou ao suicídio: mais uma vez é uma morta quem narra a história, para um incrédulo Herculano que escuta sua voz gravada em uma fita. A peça inspirou uma adaptação para o cinema lançada em 1973 por Arnaldo Jabor, um dos mais celebrados cineastas brasileiros. O sucesso foi tamanho que, no ano seguinte, Jabor dirigiu uma segunda adaptação de Nelson Rodrigues, desta vez do romance *O casamento* (1966).

Uma excelente apresentação do universo rodriguiano para os leitores de língua inglesa, *Nelson Rodrigues: Selected Plays* não é, a rigor, a primeira tentativa de tradução da obra do autor para o idioma de Shakespeare. Em 2001, dez peças de Nelson já haviam sido vertidas para o inglês por iniciativa de um de seus filhos, Joffre Rodrigues, em parceria com a Funarte, órgão governamental responsável pelo fomento à arte brasileira. E em 2009, uma seleção de contos publicados na famosa coluna *A vida como ela é*, mantida pelo escritor num importante jornal carioca entre 1951 e 1961, foi compilada numa edição norte-americana. Em ambos os casos, entretanto, havia questionamentos significativos quanto à qualidade técnica das traduções, em especial no que se refere às sutilezas envolvidas em expressões idiomáticas fortemente marcadas pela oralidade e pela informalidade que caracterizam sobretudo as *Tragédias Cariocas*.

Empreendida por uma equipe de tradução chancelada pelo Departamento de Estudos Latino-Americanos do King's College London, *Nelson Rodrigues: Selected Plays* faz frente à espantosa escassez (ou quase inexistência) de versões estrangeiras para as obras de Nelson, apelidado o Shakespeare brasileiro não só pelo impacto produzido por seu legado no país de origem, mas também pelo potencial de pensar a alma humana para além das fronteiras da cultura nacional, fornecendo, assim, elementos para que os cidadãos do mundo se pensem e repensem através da literatura.

Referências

- CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico: a vida de Nelson Rodrigues**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- FARIA, João Roberto (org.). **História do teatro brasileiro, v. 2: do modernismo às tendências contemporâneas**. São Paulo: Perspectiva / Edições SESC SP, 2013.
- MAGALDI, Sábato. **Teatro da obsessão: Nelson Rodrigues**. São Paulo: Global Editora, 2004.
- MAGALDI, Sábato. **Nelson Rodrigues: dramaturgia e encenações**. São Paulo: Perspectiva/EDUSP, 1992.
- MAGALDI, Sábato. Introdução. *In: Nelson Rodrigues: teatro completo, vol. 1 – Peças Psicológicas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 7-39.
- PRADO, Décio de Almeida. **O teatro moderno brasileiro**. São Paulo: Perspectiva, 2003.
- RODRIGUES, Nelson. Vestido de noiva: tragédia em três atos (1943). *In: Nelson Rodrigues: teatro completo, vol. 1 – Peças Psicológicas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 105-167.
- RODRIGUES, Nelson. Álbum de família: tragédia em três atos (1945). *In: Nelson Rodrigues: teatro completo, vol. 2 – Peças Míticas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 51-120.
- RODRIGUES, Nelson. Anjo negro: tragédia em três atos (1946). *In: Nelson Rodrigues: teatro completo, vol. 2 – Peças Míticas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 121-192.
- RODRIGUES, Nelson. Valsa nº. 6: peça em dois atos (1951). *In: Nelson Rodrigues: teatro completo, vol. 1 – Peças Psicológicas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. p. 169-214.
- RODRIGUES, Nelson. Perdoa-me por me traíres: tragédia de costumes em três atos (1957). *In: Nelson Rodrigues: teatro completo, vol. 3 – Tragédias Cariocas I*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 121-180.
- RODRIGUES, Nelson. Os sete gatinhos: divina comédia em três atos e quatro quadros (1958). *In: Nelson Rodrigues: teatro completo, vol. 3 – Tragédias Cariocas I*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985. p. 181-253.
- RODRIGUES, Nelson. Toda nudez será castigada: obsessão em três atos (1965). *In: Nelson Rodrigues: teatro completo, vol. 4 – Tragédias Cariocas II*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989. p. 155-242.
- RODRIGUES, Nelson. **O casamento** (1966). São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- RODRIGUES, Nelson. **Flor de obsessão: as 1000 melhores frases de Nelson Rodrigues**. Organização: Ruy Castro. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

Texto recebido em 31/10/2020.
Aceito em 08/04/2021.